

LIBERAÇÃO DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO: A ARTE DE ESCREVER*

Sheilar Nardon da Silva
Caroline Reis Vieira Santos Rauta

Objetivos

Este texto foi produzido para que você seja capaz de:

- entender que uma boa escrita está relacionada com a maneira como se olha para a vida;
- perceber que boas histórias podem nascer dos encontros mais cotidianos e frugais;
- compreender que o texto é sempre dialógico é preciso presença de quem fala e de quem escuta;
- apresentar a relevância das práticas de escrita e leitura, na construção de textos que estão sempre em interação com o interlocutor.

Iniciando o estudo

Quem vivencia experiências de produção e compreensão de textos orais e escritos vivencia também a independência, a possibilidade concreta de escolha, entre as inúmeras possibilidades expressivas fornecidas pela língua, isto é, a **autoria**. Neste estudo, vamos explorar algumas técnicas para ajudar na liberação da linguagem e do pensamento para produção textual escrita, já que muitas pessoas encontram dificuldades para se expressar sob forma escrita.

* Texto originalmente publicado na Revista do Programa de Atividades Não Presenciais do IFSC v. 1, n. 3, 2021, p.9-15.

1 Relevância da leitura

A leitura é essencial para o desenvolvimento da escrita. Essas duas atividades não se opõem, elas se complementam, uma vez que não escrevemos no vazio. Precisamos ter algum ponto de partida, algum conhecimento acumulado para podermos produzir matéria nova. E essa informação inicial geralmente é extraída das leituras que vamos realizando ao longo da vida.

Muitas pessoas podem argumentar que leem um volume bastante grande de palavras, mas é importante ressaltar que não é só a quantidade, mas a variedade de leituras que ampliam os horizontes e nos fornecem repertório cultural, de vocabulário e de gêneros discursivos. Precisamos ler muito, mas também variadamente (Koch, 2002).

Falar e escrever são processos de trabalho com a linguagem e fazer isso desenvolvendo a imaginação criadora, é muito prazeroso. Contudo, não significa que seja fácil. Mesmo escritores experientes e renomados precisam elaborar várias versões de seus textos e passam por períodos de dificuldade criativa. Um texto não nasce pronto, é preciso produzi-lo e reproduzi-lo quantas vezes for necessário para uma comunicação eficaz.

Tão importante quanto a informação que passamos ao nosso receptor, é a escolha de palavras que fazemos para este fim. Para escolher a palavra mais adequada é preciso sempre buscar a melhor forma de expressão.

2 O processo da escrita

O que motiva qualquer ato comunicativo é a necessidade de compartilhamento de informações. É isso que motiva o receptor a formular uma mensagem - seja ela em linguagem não verbal ou verbal; escrita, falada ou em língua de sinais - pensando nas necessidades do receptor. Quando iniciamos um texto, partimos de uma informação partilhada entre emissor e receptor, para, só então, introduzirmos

informação nova (Koch, 2002). Sem este fator de motivação um texto não tem razão de existir.

Embora escrever seja sempre um ato que mexe com a criatividade, não importa o tópico abordado, ainda sim há diferenças no que diz respeito à **escrita criativa** ou literária e à **escrita técnica**. Nas seções a seguir, veremos algumas distinções entre esses dois modos de uso da língua.

2.1 Escrita criativa

Acreditamos que uma pessoa não nasce escritora, com o carimbo: “eu serei um autor de *best sellers*”. Grandes escritores como, por exemplo, Stephen King, tinham outras profissões. O renomado autor de *A espera de um milagre*, *A coisa* e *O iluminado* era zelador de uma escola de ensino médio. Na nossa literatura brasileira, temos o célebre escritor modernista Graciliano Ramos, o qual iniciou a carreira profissional como político. O que queremos dizer é que tornar-se um escritor pode ser uma questão que necessite de tempo, estudo e leitura, muita leitura.

A memória humana é sobretudo uma memória literária e escrita. Segundo Humberto Eco (2021), em sua obra *Memória Vegetal*, o universo já teve diversas memórias. A primeira foi a memória orgânica que consistia na questão da oralidade, contação de histórias etc. A segunda era a memória mineral, as quais pode-se destacar como as pinturas rupestres, esculturas e arquitetura. Por último, é a memória vegetal, representada por meio dos papiros e livros. Atualmente, podemos até dizer que voltamos para a memória mineral, uma vez que os chips de computadores têm em sua composição silício, um mineral. Humberto Eco ainda diz que todo livro “fala” sobre outro livro, ou seja, as memórias se interconectam.

Alguns historiadores arriscam dizer que Shakespeare foi o inventor das questões humanas, dos sentimentos que professamos, na psicanálise, na psicologia. Esses assuntos teriam surgido, inicialmente, como concepções artísticas e literárias. Assim, para Assis Brasil (2019), não se pode ensinar a escrever, mas sim a ler e se a leitura for crítica, é possível dar um passo muito grande na produção textual criativa.

Dessa forma, acredita-se que para ter a habilidade da escrita é necessário leitura, pois para escrever sobre algo é preciso ler/ouvir sobre os assuntos relacionados às questões sobre as quais deseja-se abordar.

A respeito das estratégias de construção de textos literários/criativos, segundo Spalding (2018), o uso do sentido do figurado, possivelmente, é umas das características mais relevantes. Então, quando desloca-se o significado de uma estrutura mais racional para estruturas mais emocionais, o efeito de estranhamento e provocação no leitor é mais significativo. Outra questão que merece destaque, no processo de escrita criativa, é o subtexto. Aquilo que não está explícito no texto, mas está sugerido, nas entrelinhas, é o que chamamos de subtexto (Spalding, 2018). Entretanto, destaca Marcelo Spalding (2018), é necessário um cuidado para que o subtexto não fique evidente demais, subestimando o leitor, nem exageradamente oculto, tornando o texto incompreensível.

A escrita criativa tem a capacidade de exprimir no texto uma criatividade que nos guia, ou seja, ao ler algo criativo com “alma,” somos atraídos pela história, por meio da empatia, por exemplo. Colocamos alma nos textos, quando estamos atentos, de forma intensa, à vida. É improvável encontrar o leitor pela escrita quando não estamos sensíveis para o que acontece ao nosso redor (Ana, 2018).

Por fim, precisamos perceber as delicadezas do cotidiano, o extraordinário dentro do ordinário. Pessoas não são número, pessoas são homens, mulheres, crianças com histórias, gostos, desejos, amores. É essa aproximação que o texto, escrito com alma, é capaz de fazer. Embora seja difícil pensarmos em escrever textos técnicos, corporativos ou institucionais de maneira criativa e literária, é possível sim contar boas histórias. Até mesmo uma bula de remédio traria bons enredos, se a Anvisa permitisse.

2.2 Escrita técnica

Mas, o que distingue a escrita criativa da técnica? Embora todos saibamos implicitamente a diferença entre esses tipos de textos, nem sempre conseguimos identificar que a distinção entre elas é quanto à função da linguagem (Jakobson,

1960) predominante. Enquanto a escrita criativa tem foco na mensagem (função poética) e/ou no emissor (função emotiva), na escrita técnica o enfoque cai no referente (função referencial), isto é, na informação a ser passada. Mas, apesar disso, não podemos desprezar a influência dos demais elementos. Todos eles são imprescindíveis para que o processo comunicativo funcione.

Apesar das diferenças que apresentam, a escrita técnica, assim como a criativa, pressupõe prática efetiva. E essa prática fica muito facilitada a partir da atividade de leitura. É a leitura que informa e forma, de forma implícita - isto é, sem a conscientização clara do(a) leitor(a) - a nossa prática. É através da leitura de textos técnicos diversos - como bula de remédio, como conta de luz, requerimento, ata etc. - que vamos aprendendo, sem sentir, as convenções de cada uma desses gêneros discursivos. Assim, quanto mais contato tivermos com esses gêneros discursivos, mais vamos internalizando e nos apropriando de como escrevê-los. Por isso a prática da leitura é tão importante para o desenvolvimento da habilidade da escrita.

É através da leitura que aprendemos a organização das informações no papel (o *layout*), o vocabulário utilizado em determinado gênero discursivo, os componentes do texto. E somente através da prática efetiva da escrita é que somos capazes de avaliar se sabemos aplicar aquilo que observamos.

Um fato muito comum é que as pessoas com pouca prática desistam de escrever simplesmente porque não se consideram boas escritoras. Mas nestas situações, é importante lembrar que o cérebro é como os músculos de nosso corpo: sem prática constante, ele não tem alta performance. Basta pensar no exemplo dos(as) corredores(as) de longa distância ou de grande velocidade: eles(as) não nascem medalhistas olímpicos. Eles(as) treinam durante várias horas por muitos anos. Só assim melhoram e atingem índices olímpicos. Isso também vale para os (as) escritores(as): eles(as) se tornam melhores com o tempo de prática. E mesmo um(a) escritor(a) muito experiente de textos técnicos pode não ser bom(a) escritor(a) de textos criativos e vice-versa. Voltando à analogia do esporte, embora ninguém seja bom em todos os esportes e muitos de nós não sejamos esportistas profissionais, todos nós precisamos de atividades físicas para manter a saúde, assim como precisamos praticar a escrita para exercer a cidadania.

Também é importante ter em mente que sempre podemos nos inspirar em textos escritos por outras pessoas e buscar modelos de textos que são altamente formulaicos - isto é, que tem um formato muito fixo, como é o caso de ata ou do padrão ofício - para dar início ao nosso próprio texto. Esta estratégia pode nos poupar bastante energia a ser gasta com outros aspectos do texto, como a revisão final e a busca por elementos que melhorem a leitura.

Sistematizando, para se tornar alguém com habilidades de escrita, algumas das dicas a seguir podem ser úteis:

- a) ler bastante e variadamente;
- b) praticar constantemente;
- c) escrever gêneros textuais diversificados;
- d) buscar modelos de inspiração; e
- e) buscar ampliar o repertório de vocabulário (buscando e anotando palavras novas nos textos lidos sempre que possível).

Concluindo o estudo

Este estudo salientou que ler e escrever são atividades que se retroalimentam. Uma não prescinde da outra. Além disso, a escrita é uma atividade que, embora possa se beneficiar muito da teoria, requer certa prática. Os(as) escritores(as) iniciantes devem sempre ter em mente que sempre que começamos alguma atividade, geralmente não nos saímos extraordinariamente bem e que isso não é fator para desistir. Observar o que pode ser melhorado e praticar a escrita são a fórmula para liberar a linguagem e o pensamento. Só assim progredimos.

Referências

ANA, H. **Como se encontrar na escrita: O caminho para despertar a escrita afetuosa em você.** ROCCO, 2018.

BRASIL, A. **Escrever ficção.** Porto Alegre: Companhia das Letras, 2019. ECO, U. **A memória vegetal.** Rio de Janeiro: Record, 2021.

JAKOBSON, R. Linguistics and poetics. *In*: SEBEOK, T. A. (Ed.). **Style in language**. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 350–377.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SPALDING, Marcelo. **Escrita criativa para iniciantes**. 2. ed. Porto Alegre: Metamorfose,